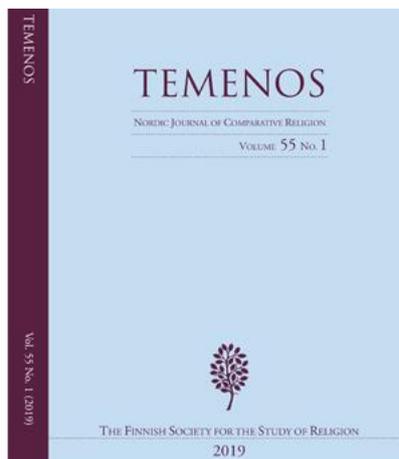
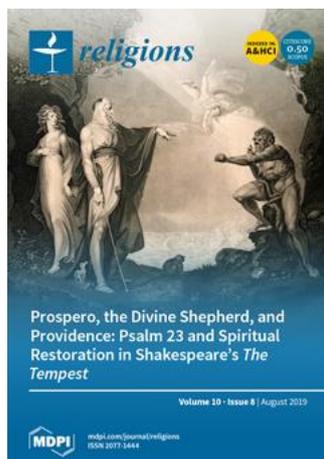


UM PANORAMA DOS NOVOS ESTUDOS SOBRE THOR

AN OVERVIEW OF RECENT STUDIES ON THOR



LYLE, Emily. Thor's Return of the Giant Geirrod's Red-Hot Missile Seen in a Cosmic Context. *Temenos*, vol. 55, n. 1, 2019, pp. 121-236.

SHAW, John. The Dagda, Thor and ATU 1148B: Analogues, Parallels, or Correspondences?. *Temenos*, vol. 55, n. 1, 2019, pp. 97-120.

TAGGART, Declan. Do Thor and Odin have Bodies? Superperception and Divine Intervention among the Old Norse Gods. *Religions*, vol. 10, 2019, pp. 1-21.

Victor Hugo Sampaio Alves¹

Thor é sem dúvida um dos deuses do panteão nórdico mais visado pelos estudos acadêmicos da religião e mitologia nórdica pré-cristãs. A todo momento surgem novas perspectivas e propostas de análise visando decifrar os simbolismos, atuações e regências dessa divindade que talvez seja, conforme muito bem apontado por Langer (2015, p. 496) e

¹ Doutorando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE) e da Finnish Literature Society (SKS). E-mail: victorweg77@gmail.com

Lindow (2001, p. 290), a mais importante para o paganismo nórdico. Também em solo brasileiro as pesquisas envolvendo Thor têm sido alvo de novas empreitas, considerando um recente estudo abordando os conteúdos cosmológicos presentes na narrativa de *Auroandil* (Langer, 2018); uma dissertação de mestrado sobre deuses do trovão no norte Europeu, que destina um capítulo inteiro às aparições de Thor na *Edda em Prosa* e nos poemas eddicos *Prymskviða*, *Hárbarðsljóð* e *Hymiskviða* (Alves, 2019); além de um estudo sobre Thor na *Gesta Hammaburgensis* de Adão de Bremen que cogita as influências dos moldes do Júpiter romano na descrição do deus escandinavo (Alves, no prelo) e um verbete no *Dicionário de História das Religiões da Antiguidade e Medievo*, que contará com um verbete dedicado inteiramente aos deuses Europeus do trovão onde Thor, obviamente, será abordado (Alves, no prelo).

Nossa presente proposta consiste em analisar brevemente três recentes estudos sobre Thor, publicados todos ao longo desse ano (2019). Tratam-se dos artigos *Do Thor and Odin have Bodies? Superperception and Divine Intervention among the Old Norse gods*, por Declan Taggart, publicado na revista *Religions*; e de outros dois, ambos publicados no periódico *Temenos*, *The Dagda, Thor and ATU 1148B: Analogues, Parallels, Correspondences?*, de John Shaw; e, por fim, *Thor's Return of the Giant Geirrod's Red-Hot Missile Seen in a Cosmic Context*, por Emily Lyle.

Sobre uma possível onipresença de Thor

Thor não é um desconhecido de Taggart, que já havia dedicado sua tese exclusivamente à aparição do deus em diversas fontes – principalmente literárias – (Taggart, 2015) e ainda outros dois artigos sobre seu simbolismo (Taggart, 2017a; 2017b). Seus estudos, além de manifestarem uma capacidade argumentativa e retórica excepcional, foram responsáveis por levantar certa polêmica entorno do deus, embora muito bem construída e investigada pelo pesquisador: não haveria, nas fontes que chegaram até nós a respeito de Thor, a certeza ou clareza de qualquer vínculo entre o deus e os raios, trovões ou a regência climática.

Movendo-se para longe desse questão ainda polêmica, seu último artigo foca-se na busca por compreender quais teriam sido o entendimento e percepção que as pessoas (provavelmente) teriam sobre seus deuses no período pré-cristão: se teriam sido eles, de fato, entidades sempre antropomorfizadas, ou se, por vezes, também seriam vistos como dotados de superpercepção, onipotência e onipresença, ou seja, se poderiam atuar na vida humana sem

necessariamente manifestarem-se de maneira concreta por meio de um corpo. Sua proposta, vale ressaltar, abarca a religião nórdica pré-cristã como um todo, buscando evidências que pôde encontrar sobre qualquer um dos deuses desse panteão.

Sua metodologia ainda se destaca pela originalidade e ousadia: trata-se de um método oriundo das Ciências Cognitivas da Religião, cuja premissa básica nesse contexto é, grosso modo, tentar explicar as indicações históricas e transculturais existentes de que os indivíduos em sociedade podem manifestar múltiplas representações de uma divindade, com graus variados de antropomorfismo. O autor faz um curto panorama dos estudos conduzidos por Barret & Keil, os quais serão base de seu artigo, mas não sem oferecer suas ressalvas e inclusive terminar por apontar falhas e melhorias em potencial para a teoria por eles desenvolvida.

Obviamente que, para o cumprimento de nossa proposta, nos focaremos apenas no que o autor abordou a respeito de Thor. Taggart começa apresentando um apanhado de fontes em que se nota uma clara manifestação corporal e antropomorfizada dos deuses, principalmente nas de natureza literária: a *Edda Poética*, a *Edda em Prosa* e a poesia escáldica; em seguida, cita brevemente algumas pedras rúnicas. Contudo, Thor é de certa maneira negligenciado nessa parte, que oferece maior atenção a Odin. No entanto, o objetivo argumentativo fica claro: percebe-se com facilidade que, nesses materiais, as representações antropomorfizadas dos deuses são muitas. Destacamos aqui o cuidado que o autor teve por diversas vezes ao longo de seu texto em problematizar e contextualizar, de maneira explícita, as fontes de que dispomos para estudo da religião nórdica pré-cristã, sempre defendendo que as olhemos com ressalva e cautela, apesar de serem potenciais relatos do que essa religião um dia foi.

Em seguida, Taggart parte para o que seu trabalho propõe evidenciar, elencando manifestações não-antropomorfizadas das divindades. Ele subdivide essas manifestações em dois tipos: *monitoramento* (superpercepção, superconhecimento relacionados, possivelmente, a algum tipo de onipresença) e *atuação* (intervenções dos deuses no mundo concreto e real sem que estejam de corpo presente). No quesito do monitoramento destaca, conforme elencado por *Snorri Sturluson*, que Thor, mesmo a uma grande distância, pode ser chamado por aqueles em perigo, aparecendo prontamente para atendê-los: isso indicaria uma capacidade do deus de saber que está sendo requisitado por alguém onde ele não está presente (superpercepção, onipresença).

Adiante, o autor se debruça sobre um material ainda pouco estudado: as fórmulas de ‘orações’ e pedidos direcionados a deuses e rituais. Ele elenca uma série de poetas escáldicos que se dirigem a Thor na segunda pessoa (*Bragi Boddason*, *Vetrliði Sumarliðason*, *Þorbjörn díarskáld*) e que, apesar de se referirem a ele de maneira antropomorfizada, também oferecem testemunhos em potencial de que o deus teria capacidade de superpercepção. Segundo sua visão, também as inscrições rúnicas em pedras dirigindo-se a deuses e outros objetos grafados com runas, que não eram vistas facilmente por qualquer observador, são possíveis evidências de que havia uma crença na superpercepção e onisciência dos deuses.

No campo das atuações, Taggart brilhantemente traz à tona um material pouquíssimo abordado: o *Encantamento de Canterbury*², escrito no formato rúnico do Inglês Antigo, por volta de 1000 D.C. Nele, Thor presta ajuda contra o envenenamento de sangue ao lutar com um ogro identificado como origem da infecção. Apesar da luta certamente ser um combate corpo-a-corpo, pressupondo a presença física antropomorfizada do deus, Taggart conjectura que o encantamento, ao não deixar claro *como* a cura do envenenamento é providenciada por Thor, pressupõe uma atuação extra-corporal. O autor também resgata narrativas como a de *Thorolf Mostur-Beard*, que havia levado em seu barco os pilares de seu templo – um deles com o rosto de Thor cravado – e que, ao aproximar-se da costa islandesa, arremessa os pilares no mar e confia que o deus mostrará, por meio desses pilares, onde construir seu assentamento na Islândia. Há também a estória de *Crow-Hreidar*, que rejeita essa crença de arremessar objetos como os pilares no mar para que Thor o guie, alegando que o deus, na verdade, empurra seu barco diretamente. Nesses casos, Thor interfere com ações que requerem a manifestação corporal, mas sem estar presente concretamente, o que pode apontar, como levanta Taggart, para uma crença não-antropomorfizada no deus, relacionada à onipotência.

Enfim, gostaríamos de repetir que o autor a todo o tempo levanta a questão de que tais relatos possam se tratar de construções e manifestações de uma perspectiva já cristã dos Escandinavos, que tentam lançar olhar sobre a crença de seu passado pagão. Ainda assim, a precisão com que Taggart aponta para essas ocorrências é quase cirúrgica: além disso, o tema de investigação proposto por ele é, mais uma vez, inovador. Talvez as únicas ressalvas sejam

² *Canterbury Charm*.

o fato dele ter abordado objetos apotropaicos (como os achados de pingentes no formato do martelo de Thor) muito superficialmente, ainda que sejam muito pertinentes ao argumento de onipresença divina que buscava elencar; e poderia ter havido, acreditamos, uma curta introdução sobre o que autores clássicos da Escandinavística haviam abordado sobre essa questão, nem que fosse para apontar o silêncio deles a respeito do tema (Davidson, 1990, 1988, 1984, 1969; Lindow, 1988, 2001; Dumézil, 1973; Turville-Petre, 1975; Simek, 2007) ou então ter oferecido, na conclusão, algumas comparações entre o que encontrou e o que esses mesmos autores haviam afirmado no passado. Ainda assim, o estudo de Taggart é preciso, relativamente completo, original, inovador e oferece inúmeras possibilidades de desdobramentos para novas pesquisas sobre o tema.

O Thor escandinavo, o Dagda irlandês e as tradições Circum-Bálticas³

A proposta de Shaw é a de procurar por paralelos entre as figuras de Thor e Dagda por meio de uma série de narrativas catalogadas e classificadas como *ATU 1148B*⁴. Nossa primeira ressalva diz respeito à organização do texto: essa catalogação é mencionada já no título, deixando claro que se trata de um recorte temático do trabalho; no entanto, o autor não explica, na introdução, do que se trata essa classificação/indexação. O leitor que desconhece esse critério tão específico passa o artigo quase inteiro lendo sobre a análise, mas sem saber do que se trata essa classificação, cuja definição aparece somente nas páginas próximas à conclusão.

³ O termo *Circum-Báltico* se refere às culturas e línguas faladas por toda a região que circunda o Mar Báltico. Dentre elas, encontram-se famílias linguísticas do sub-ramo Indo-Europeu: Esloveno Ocidental (Polonês); Esloveno Oriental (Russo, Bielorrusso); Báltico (Lituano, Letão, Latigaliano); Germânico Ocidental (Baixo Alemão, Alto Alemão, Iídiche); Germânico do Norte (Dinamarquês, Sueco); e outras, majoritariamente do sub-ramo Fínico dentro da família linguística do Fino-Úgrico (Finlandês, Estoniano, Vepsiano, Inglês, Careliano, Votico, etc.) e do sub-ramo Sámi, além de algumas línguas Túrquicas como o Caraim e o Kipchack (Dahl; Koptjevskaja-Tamm, 2001, p. XV).

⁴ *ATU 118B* (*ATU*= Aarne-Thompson-Uther, de acordo com as classificações sistematizadas no livro *Types of International Folk Tales*). Basicamente, são as narrativas onde há o rapto do instrumento criador do trovão (geralmente um martelo, machado ou algum instrumento de sopro) por parte de alguma entidade maligna e o deus do trovão, disfarçado e acompanhado de um ajudante, vai às terras do inimigo para recuperá-lo. Uma vez lá, o adversário do deus tenta fazer o instrumento funcionar e não consegue, desafiando o deus (que está disfarçado) para que o faça. Nesse momento, o deus do trovão retoma a posse da arma, a faz funcionar e elimina o inimigo. Essa narrativa é encontrada em povos germânicos, fino-úgricos (finlandeses, estonianos, sámis), bálticos (lituanos, letões), havendo até mesmo um caso grego (Frog, 2014, p. 78).

A parte dedicada à explicação de sua metodologia é breve – apenas um parágrafo - e um pouco imprecisa: o autor apenas afirma que adotará a perspectiva comparativista, sem oferecer maiores delimitações e especificações. Contudo, não podemos dizer ter sentido falta da metodologia *per se* ao longo de seu trabalho, que é exposto de maneira organizada, sistematizada e criteriosa: primeiro, há uma introdução sobre o deus Dagda nas fontes primárias; em seguida, são feitos paralelos temáticos entre o que foi exposto sobre Dagda e alguns dos atributos de Thor; por fim, Shaw parte para a perspectiva dentro do *ATU 1148B*.

Na primeira parte o autor faz um apanhado das aparições de Dagda em diversas fontes primárias, elencando aspectos como sua clava de ferro; seu cajado, que tanto mata os inimigos quanto os pode trazer de volta à vida; sua habilidade para a magia; seu papel de mantenedor da ordem cósmica; sua função etiológica e impacto na paisagem; seu caldeirão de abundância; sua habilidade como artesão/construtor; apetite vigoroso; manipulação mágica do tempo (cronológico, não o clima); fertilidade (não dos campos, mas sexual); e sua habilidade para a música (Dagda possui uma harpa). Ele também aborda a questão de alguns epítetos do deus, como *Eochu Ollathair*, comparando-o a *Alföðr*, epíteto de Odin. Aliás, muitas das características que Shaw traz de Dagda se assemelham muito mais a Odin do que a Thor, mas o autor intencionalmente não aborda tal discussão nesses momentos, deixando-a para o término do texto e mostrando que esses aspectos não passaram despercebidos – essa estratégia argumentativa, inclusive, foi interessante, instigando que continuássemos a leitura do artigo - . Por fim, Shaw termina recapitulando que Dagda, conforme nos mostrou, é um deus multifacetado. A única crítica que reservamos a essa parte diz respeito à total falta de contextualização das fontes primárias utilizadas: o autor apenas cita trechos de diversas fontes em que Dagda figura narrativamente, mas não nos introduz a elas, seu contexto de surgimento, seus possíveis problemas, etc. Curiosamente, ao tratar de Thor mais à frente do texto, o autor oferece tais ressalvas ao abordar o *Þrymskviða*; acredito que poderia ter adotado o mesmo procedimento para os materiais irlandeses.

Logo em seguida, Shaw parte para a questão de Thor propriamente dita, esforçando-se para evidenciar seus paralelos e semelhanças em relação a Dagda. Ele ressalta o papel constante de Thor como protetor dos deuses e homens; e, portanto, mantenedor da ordem cósmica contra a força caótica dos *jǫtnar* (gigantes). O autor aborda também o fato de Thor

portar uma arma com propriedades mágicas (seu martelo *mjolnir*), assim como o cajado/maça de Dagda, e como ambos os deuses necessitam de força sobre-humana para fazer uso dessas armas. Além disso, Shaw apontou sagazmente como os artefatos de ambos os deuses são feitos de *ferro* – o que o faz argumentar posteriormente se uma troca de influências Indo-Europeia entre Escandinavos e Irlandeses não poderia ter ocorrido justamente durante a Idade do Ferro -. Há ainda outros paralelos destacados, como a inclinação pela gula, o apetite excessivo e a atuação de ambos na esfera da fertilidade. Nesse aspecto, o autor deixou passar a oportunidade de retomar os estudos de Davidson (1988, p. 193; 203-207) que já havia elencado em detalhes uma série de paralelos entre as duas divindades, incluindo justamente suas armas, seus vigorosos apetites e seus posicionamentos nos respectivos panteões que, segundo a autora, seriam análogos.

Algumas comparações de Shaw são forçosas: houve uma tentativa de comparar o fato de que Dagda *construiu* a morada dos deuses irlandeses, com o fato de que Thor teve um papel decisivo no episódio da construção da muralha de Asgard, conforme relatado no *Gylfaginning*. Ora, por mais que o papel de Thor tenha sido decisivo para que a obra fosse finalizada e os deuses não perdessem Freyja para o gigante construtor, ele em momento algum age diretamente na construção da muralha. Tratam-se, ao nosso ver, de aspectos distintos. Temos também uma ressalva a respeito do que o autor abordou na questão etiológica; mais especificamente, na mudança que os dois deuses, em suas respectivas fontes, são capazes de causar na paisagem e no ambiente (como a criação de três montanhas por meio de pancadas que Thor desfere com seu martelo no episódio de sua ida a Útgarda-Loki, quando, por conta de uma magia ilusória, o deus pensava estar atingindo um gigante na cabeça). Acreditamos que o autor tenha parecido ávido por identificar esses aspectos como relatos de uma capacidade desses deuses para feitos cosmogônicos, o que não está de todo errado, mas deixou de considerar essas descrições como possíveis recursos narrativos que explicitavam, para a audiência então contemporânea, as proporções colossais e a força sobrenatural desses deuses, podendo muito mais ser uma figura de linguagem similar à hipérbole, do que atributos inerentes a essas divindades (a esse respeito, ver Taggart, 2015, 2017a).

Por fim, Shaw parte para a discussão da narrativa *ATU 1148B* propriamente dita. Ele compara o poema eddico *Brymskviða*, em que Thor tem seu martelo roubado e disfarça-se de

noiva para reavê-lo, com uma narrativa em que a harpa de Dagda é roubada e o deus vai até Fomoiré resgatá-la. O autor analisa e elenca os paralelos com indubitável propriedade: o rapto da ferramenta do deus do trovão por uma figura maligna que não pode usá-la; o deus do trovão, geralmente acompanhado, viaja para o reino de seu inimigo para reaver sua ferramenta; durante as festividades, o objeto é retornado para seu dono; uma vez recuperado, o instrumento é posto em uso para eliminar as entidades malignas no recinto; a ordem cósmica é restaurada.

A grande diferença está no fato de que a ferramenta de Thor é um martelo, enquanto que a de Dagda é uma harpa – ou seja, um instrumento musical -. Conforme o próprio Shaw argumenta, ao longo de quase todas as estórias *ATU 1148B* identificadas na região Circum-Báltica, o instrumento roubado de fato costuma tratar-se de um instrumento musical, ou seja, a narrativa de Dagda para estar mais alinhada a esse tipo de narrativa do que a do próprio Thor. Se somarmos isso aos estudos de Frog (2014, 2011) que, inclusive, é citado pelo autor, veremos que o poema *Brymskviða* e a representatividade de Thor nele destoam-se não apenas do restante do *corpus* da mitologia nórdica, como também das próprias narrativas *ATU 1148B* de outros povos Circum-Bálticos, o que possibilitaria cogitarmos que o poema se trate de uma composição tardia, burlesca e satirizante, composta em cima de materiais mitológicos mais antigos – porém para nós inacessíveis -. Considerando-se esses dois aspectos, o autor parece ter deixado escapar um detalhe: o estudo e os argumentos por ele trazidos parecem aproximar mais a tradição irlandesa do deus Dagda ao restante das tradições *ATU 1148B* do que do próprio Thor, que delas se distancia em certa medida.

Ainda assim, o estudo de Shaw é incrivelmente relevante e possui uma execução afinada e competente. Seu *insight* também foi original e ousado: é extremamente importante termos encontrado uma possível variante da *ATU 1148B* oriunda de plena Irlanda Medieval e fora do usual contexto Nórdico/Báltico, o que nos faz (re)pensar toda a disseminação de temas mitológicos Indo-Europeus entre os povos da região – aspecto esse que o autor, inclusive, aborda com propriedade na parte conclusiva de seu artigo -.

Situando Thor no contexto cosmológico Indo-Europeu

O artigo de Lyle traz uma base argumentativa sólida, fechada, trabalhada e nos conduz direto ao ponto. Logo no começo a autora já nos explica que adotará uma perspectiva estritamente cosmológica vista exclusivamente dentro do cenário comparativo Indo-Europeu. É com muita erudição, mas simplicidade, que em diversos momentos de seu texto a autora recorre a paralelos nos mitos Irlandeses, Galezes e Gregos.

Mesmo operando dentro do comparativismo Indo-Europeu, a autora, de maneira surpreendente, não adota o forte viés filológico que muitos estudiosos do campo elegem. Esse fato, no entanto, é exposto por ela de maneira muito clara: as histórias que compõem os mitos, apesar de expressadas por meio da linguagem, são mais conceituais do que linguísticas e, portanto, possuem a capacidade de cruzar as fronteiras da língua. Não se trata de uma negação da importância da filologia, mas de oferecer a ressalva de que ela nem sempre dá conta de todo o conteúdo conceitual carregado pelas narrativas míticas.

A premissa de que parte Lyle é a de que a estruturação das mitologias Indo-Europeias teve suas origens numa sociedade tribal, que acabou por transmitir complexas e elaboradas cosmologias às suas culturas 'filhas'. Os mitos, então, nada mais seriam senão a parte verbal dos sistemas cosmológicos, que evoluem em um sistema de correlações englobando noções de tempo, espaço e organização social. Dentro dessa última esfera, há a tentativa de validação de uma *cratogonia*, ou seja, uma expressão de poder social e os meios para mantê-lo.

Segundo Lyle, o poder governante, conforme relatado nas mitologias, se alternava de acordo com o surgimento de novas gerações. Nesse esquema, os deuses mais novos surgiriam para destronar os mais antigos; no caso específico da mitologia nórdica, as histórias nos contam de três gerações: a primeira, da gigante Bestla, a segunda, de Odin, e a terceira, de seus filhos, dentre os quais figura Thor. Apesar de existir graças à geração anterior, o deus Thor, como campeão dos humanos, foi obrigado a subjugá-la e tomar para si o poder, criando as condições cósmicas para que o cosmos se tornasse habitável. Inclusive, a autora defende que os mitos sobreviventes de Thor seriam resquícios de mitos mais antigos de um proto-Thor que teria sido tido como rei: ela alega que o relato de Adão de Bremen, em sua *Gesta Hammaburgensis* - que conta sobre uma estátua do deus no centro do templo de Uppsala, flanqueada por Odin e Freyr - seria um indício de que ele fosse tido como a imagem mítica de um rei. Destacamos

também a releitura que a autora faz da Teoria da Tripartição dos povos Indo-Europeus, proposta por Dumézil (1992, 1973), atualizando-a com maestria para um novo esquema sócio-mitológico de acordo com seus próprios estudos no campo.

Enfim, o objetivo da autora é defender esse formato mitológico Indo-Europeu de poder e cosmologia, recorrendo a comparações com mitos de outras culturas Indo-Européias quando necessário (sobretudo Celta e Grega) e embasando-se principalmente, como diz o título, na narrativa de Thor contra o gigante Geirrod, presente na *Edda em Prosa*. Além disso, Lyle também recorre à narrativa islandesa do século XIV, *Þorsteins Þáttur Bæjarmagns*, cujo personagem Thorstein é, segundo ela, o equivalente humano do deus Thor.

O papel do deus-herói Thor nessas narrativas seria, portanto, o de ordenar cosmicamente um universo ainda desordenado. As principais condições presentes nesse tipo de universo, a serem ‘corrigidas’ pelo deus, podem estar relacionadas ao frio extremo; calor extremo; seca extrema; umidade extrema e à proximidade extrema (no sentido de não haver distinção entre a terra e os céus). Conforme recapitulado por Lyle, nessa narrativa o deus encontrava-se sem seus equipamentos, inclusive sem seu martelo *mjólnir*. No caminho para as terras de Geirrod, Thor encontra-se com a amigável gigantea Grid, que lhe dá um cajado, um cinturão de força e um par de luvas. Continuando seu caminho, ao tentar cruzar um rio, Thor é quase levado pela correnteza, que havia aumentado subitamente porque uma das filhas do gigante havia começado a urinar na nascente do rio. Não fosse o cinturão da força, o deus teria sido arrastado pela correnteza; mas ele consegue se agarrar a uma pedra e, em seguida, arremessá-la na direção da vagina da gigantea, fazendo com que o aumento do fluxo do rio parasse. Trata-se da primeira correção de Thor num cosmos ainda desordenado: a correção do mundo que estava, ainda, muito ‘úmido’ ou ‘inundado’.

Thor, em outro momento da narrativa, é empurrado por outra filha do gigante em direção ao teto, visando esmagá-lo; porém, com ajuda do cajado que havia ganhado, Thor empurra o teto e reverte o sentido da força e da pressão, esmagando a gigantea que estava embaixo dele. Segundo Lyle, este trata-se nada menos do que o ato de ‘erguer o teto’, ou melhor, de erigir a própria abóbada celeste, separando-a da terra e corrigindo o desordenamento de ‘proximidade excessiva’.

Partamos agora para o que a autora interpreta a respeito do encontro entre Thor e o gigante Geirrod. Ela ressalta as descrições do salão de Geirrod, com fogo cintilando em diversas partes. No momento do duelo, o gigante pega um pedaço escaldante de ferro e arremessa na direção de Thor que, graças às luvas, consegue pegá-lo e arremessar de volta na direção de seu inimigo. Geirrod tenta se esconder atrás de um pilar, mas o ferro termina por atravessá-lo e o atinge da mesma maneira, matando-o. Este é o ordenamento feito por Thor de um mundo ‘quente em excesso’.

Lyle, então, resgata a narrativa de *Þorsteins Þáttur Bæjarmagns*. Nela, o herói Thorstein arremessa uma pequena pedra pontuda na direção do gigante Geirrod atingindo-o nos olhos e terminando por matá-lo. A autora apresenta paralelos de histórias similares nas mitologias Irlandesa e Galesa, em que os olhos dos gigantes inimigos não só terminam por ser perfurados, como tornam-se estrelas inofensivas. Feitos esses paralelos Indo-Europeus, Lyle retoma o caso nórdico, mais precisamente o poema *Hárbarðsljóð*, em que Thor se vangloria de ter arremessado os olhos do ‘filho de *Allvadi*’ para os céus, fazendo dele uma estrela. Trata-se de um reordenamento do cosmos, transformando um elemento ctônico e caótico (o gigante) em uma inofensiva estrela.

A interpretação da autora é inovadora e surge como conclusão de um argumento muito bem solidificado e construído: a narrativa de Thor terminando por matar Geirrod e usando de seus olhos para fazer uma estrela, se explorada dentro de um contexto Indo-Europeu, parece nos ilustrar um conceito de que havia um sol primordial cujo calor era excessivo (Geirrod), que necessitou ser trazido sob controle pelo deus rei-herói Thor, que então o distancia da terra e o torna um novo tipo de estrela: ele torna-se nada menos do que o sol conforme nós, humanos, o conhecemos. Portanto, conclui Lyle, parece ainda haver traços fragmentados de ideias iniciais sobre ordenamento cósmico presentes nos mitos nórdicos, ainda que misturados a elementos de entretenimento. Ela ainda termina nos oferecendo uma ‘transcrição’ de como seriam as ideias presentes nesses mitos por ela abordados se estivessem em forma de reza: *Hail to Thor, who propped up the heaven and hurled the burning star far away*⁵. O estudo de Thor no contexto cosmológico, embora não seja novidade (como em Lindow, 1996; Langer, 2018), ainda

⁵ Saudações a Thor, quem ergueu a abóbada celeste e arremessou a estrela flamejante para longe.

recebe empreitas escassas, fazendo do artigo de Lyle um considerável avanço nessa temática. Além disso, a autora não só ofereceu uma interpretação original, relevante e interessantíssima para os feitos do deus, como ainda o situou muito bem dentro de todo o contexto da mitologia Indo-Européia, permitindo que se explore esse argumento também em outros povos. Os argumentos da autora são extremamente sólidos e a sua percepção e conclusão a respeito de todos os dados que reuniu foi, no mínimo, competentíssima.

Notamos, portanto, que felizmente tem surgido uma nova onda de interesse na figura de Thor, finalmente abandonando afirmações generalizantes e potencialmente vagas ('Thor trata-se de um deus dos trovões'), que não mais acompanham os métodos e novos entendimentos de que dispomos no cenário de estudos da mitologia nórdica e da religião nórdica pré-cristãs.

Referências Bibliográficas:

- ALVES, Victor Hugo Sampaio. Deuses do trovão. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de História das Religiões da Antiguidade e Medievo*. São Paulo: Vozes, no prelo.
- ALVES, Victor Hugo Sampaio. Thor, um Júpiter escandinavo? Pensando as influências clássicas na descrição de Adão de Bremen. *Alethéia*, no prelo.
- ALVES, Victor Hugo Sampaio. *Diferentes sons do trovão: uma perspectiva comparativa entre os deuses Thor, Ukko e Horagalles*. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 220 p., 2019.
- DAHL, Östen; KOPTJEVSKAJA-TAMM, Maria. Introduction. In: DAHL, Östen (eds.); KOPTJEVSKAJA-TAMM, Maria (eds.). *Circum-Baltic Languages, v.1: Past and Present*, 2001, p. XV – XX.
- DAVIDSON, Hilda Ellis. *Gods and myths of Northern Europe*. London: Penguin Books, 1990.
- DAVIDSON, Hilda Ellis. *Myths and symbols in Pagan Europe: early Scandinavian and Celtic Religions*. Manchester: Manchester University Press, 1988.
- DAVIDSON, Hilda Ellis. *The Lost Beliefs of Northern Europe*. London: Routledge, 1984.
- DAVIDSON, Hilda Ellis. *Scandinavian Mythology*. London: Paul Hamlyn, 1969.

- DUMÉZIL, Georges. *Do mito ao romance*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- DUMÉZIL, Georges. *Gods of the Ancient Northmen*. California: University of California Press, 1973.
- FROG. Germanic traditions of the theft of the thunder-instrument (ATU 1148B): an approach to Prymskviða and Þórr's adventure with Geirrøðr in a circum-baltic perspective. *Academia Scientiarum Fennica*, 2014, pp. 120 - 162.
- FROG. Circum-Baltic mythology? The strange case of the theft of the thunder instrument (ATU 1148 b). *Archaeologia Baltica*, n. 15, 2011, pp. 78 - 99.
- LANGER, Johnni. Thor, estrelas e mitos: uma interpretação etnoastronômica da narrativa de Aurvandil. *Revista Brasileira de História das Religiões*, n. 11, v. 31, 2018, pp. 221 - 256.
- LANGER, Johnni. Thor. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015, pp. 496 - 503.
- LINDOW, John. *Norse Mythology: A guide to the gods, heroes, rituals, and beliefs*. Nova York: Oxford, 2001.
- LINDOW, John. Addressing Thor. *Scandinavian Studies*, vol. 60, n. 2, pp. 119 - 136.
- LINDOW, John. Thor's duel with Hrungnir. *Alvíssmal*, n. 6, 1996, p. 3 - 20.
- SIMEK, Rudolf. *Dictionary of Northern Mythology*. Cambridge: D.S. Brewer, 2007.
- TAGGART, Declan Ciaran. All mountains shake: seismic and volcanic imagery in the Old Norse literature of Þórr. *Scripta Islandica*, n. 68, 2017a, pp. 99 - 121.
- TAGGART, Declan. Stealing his thunder: an investigation of Old Norse pictures of Þórr. *Saga-Book*, n. 41, 2017b, pp. 123 - 146.
- TAGGART, Declan Ciaran. *Understanding diversity in Old Norse religion: taking Þórr as a case study*. 2015. 245 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de Aberdeen, Escócia.
- TURVILLE-PETRE; Gabriel. *Myth and Religion of the North: The Religion of Ancient Scandinavia*. United States of America: Holt, Rinehart & Winston, 1975.